

infiel, — pois que em tais casamentos o adultério era de prever.

Assim, em meu juízo, se passaria a considerar «cornudo», «corno», «boi», «cabrão», etc. (tudo em relação com «chifres») o indivíduo a quem a espôsa é infiel ou, com menos reparo, a mulher a quem o marido não guarda fidelidade.

II. — NOMES DE BARCOS — NOMES E DÍSTICOS DE CARROS

I. A grande maioria dos barcos de pesca tem nomes religiosos. «O mar não é para brincadeiras». Lá diz a cantiga:

A vida do marinheiro	pois tôda a vida trabalha
é vida mui triste e dura,	em cima da sepultura.

E, por isso, os pescadores são gente de fé, de bem com os céus, a que tantas vezes têm de implorar, aflitíssimos, a sua salvação.

Eis alguns nomes de barcos:

a) nomes da Virgem:

*Nossa Senhora da Agonia, Nossa Senhora do Rosário, Rainha dos Anjos [Póvoa-de-Varzim], Senhora da Boa Viagem, Senhora do Carmo, Senhora da Conceição, Senhora da Encarnação, Senhora da Guia [por vezes aparece escrito *daguia*], Senhora das Dores, Senhora de la Salele, Senhora de Monserate [Póvoa; assim escrito: *S. de B' Serrate*], Senhora do Destêrro, Senhora do Resgate, Senhora da Ajuda [escrito em geral *da Juda*], etc.*

b) nomes do Senhor:

*Senhor Aparecido [Póvoa], Senhor na Prisão [Póvoa; assim escrito: *S. Naprizão*], Senhor do Alívio, Senhor de Matosinhos, Senhor dos Milagres, etc.*

c) nomes de santas e santos:

*Santa Ana, Santa Bárbara [escrito *Barbora*], Santa Bernardina, Santa Filomena, Santa Maria, Santa Maria Adelaide, etc.*

S. Brás, S. Francisco, S. João, S. José, S. José esposo de N. Senhora [Figueira-da-Foz], *S. Manuel, S. Pedro, Santo António, Santo António* com êste segundo letreiro por cima: *cala a bôca*, etc.

Neste grupo incluirei: *Freirinha de Viana*, nome de um barco que vi em Leça-de-Palmeira. A *Freirinha* está no cemitério de Viana-do-Castelo e o povo tem-na por santa.

d) outros nomes:

Anjo da Guarda [Viana], *Sacramento, Santa Cruz, Coração de Maria, Devoção das Almas, Devoto de S. Torcato* [Póvoa], *Deus te defenda, Deus te guarde, Deus nos acompanhe, Deus nos ajude, Estrela de Israel, Fé em Deus* [em Leça um barco tinha êste nome de um lado e do outro *Sempre se fez*], *Com Deus sempre se fez* [Póvoa], *Guiai-nos, Pensai em Deus, Vá em Graça de Deus* [Póvoa; assim escrito: *Bâ em graça D.*], *Valha-nos Deus, Vamos com Deus, Vamos lá com Deus* [Aveiro], *Vamos com o Senhor, Venha com Deus, Viva Jesus* [Figueira], *3.ª Dor* [Póvoa], *3.ª Dor de Nossa Senhora das Dores* [Figueira], *Nova Aleluia* [Póvoa], etc.

II. Há nomes que elogiam a construção, o garbo ou o andamento do barco, ou que patenteiam a confiança dos pescadores, a sua vontade de trabalhar, a esperança dêles no bom êxito do seu esforço, etc.

Amoravel [Figueira], *Brilhante estrêla* [id.], *Feiticeira* [id.], *Filha das ondas* [id.], *Flor do Mar, Primavera, Andorinha, Lindo Voador* [Póvoa], *Vencedor, Novo Vencedor, Sempre alcança, O Leão velho* [Aveiro], *Boa Ventura* [Póvoa], *Trabalho e honra* [Figueira], *Logo ao romper do dia* [Póvoa], *Pai dos pobres*, etc.

Pelo contrário, outros nomes há com os quais os pescadores mostram o que mais receiam do mar:

Maldito canal da Mancha, Tememos a noite, Temo a noite.

A êstes dois últimos contrapõem-se:

Luz do Dia, Deus vos salve luz do dia [Figueira].

Ainda se podem acrescentar nomes que, sendo religiosos, não deixam de elogiar o barco:

Flor de S. João e Flor de Santo António [Figueira].

III. A Pátria não é esquecida:

A Pátria, Ama a Pátria, Filha da Pátria [Figueira], *Pátria livre* [id.], *Viva a Pátria* [id.], *Portugal, Lusitano*, etc.

A Pátria também pode ser amada nos seus homens que, de qualquer maneira, se notabilizaram:

Guerra Junqueiro, Sidónio Pais [Viana-do-Castelo], etc.

IV. Aparecem bastantes nomes de pessoas (dos donos, de família deles, de criaturas amigas a quem desejam assim venerar etc.):

Oliveira & C.^a [Figueira], *Clara, D. Guilherme* [Póvoa], *Ilizabete* [sic], *Joana Mano 1.^a* [Figueira], *Luisa, Maria, Rosa, Rosinha*, etc.

Acrescentarei *Novo três irmãos* [Póvoa] que faz supor ter havido, antes, o *Três irmãos*; não são expressos nomes, mas alude-se aos proprietários: é uma espécie de « firma ».

E também nomes de terras:

Cidade de Braga [Póvoa], *Leixões, Pôrto alegre*, etc.

V. Não se deixam de ver nomes pinturescos, mas os barcos que os têm são em regra de viajar em águas mansas. Com o mar não se brinca...

Amigo de Peniche [Viana-do-Castelo], *Contas do Pôrto* [Diz-se que há « contas do Pôrto » quando todos pagam a despesa, igualmente; com este nome, há barcos em várias terras], *Bons dias rapaziada* [Figueira], *Filho do dono* [id.], *Não a enojas, Não te afliges* [Figueira], etc.

Em Viana-do-Castelo há um barco grande que faz a travessia da foz do Lima, por ocasião dos banhos na praia do

Cabedelo, chamado *Arca de Noé*. O nome foi-lhe pôsto, sem dúvida, em atenção à «grandeza». O nome, tomado à letra, talvez ofendesse os passageiros do barco...

Os nomes dos barcos da Póvoa colhi-os no *Folk-lore Varzino*, de Cândido Landolt, Póvoa-de-Varzim 1915, pág. 182, e nos *Barcos de Pesca*, de Carlos de Passos, Lisboa 1923. São de este último trabalho os nomes de barcos da Figueira-da-Foz. Os dois de Aveiro, vi-os na *Portugália*, II volume, estampa III, pág. 49. Os nomes que não levam indicação alguma, colhi-os em Leça-de-Palmeira. Muitos veem no trabalho de Carlos de Passos. Em Viana-do-Castelo, os barcos de pesca raro têm nome.

A quasi totalidade de nomes registados aparece em mais de um barco, em terras diferentes ou até na mesma terra. Os nomes religiosos, principalmente, repetem-se muitíssimo, como é natural.

*

Resumindo, parece-me que os nomes dos barcos se podem distribuir, como fiz, pelos seguintes grupos:

a) *nomes religiosos*. Na maior parte. E quanto mais para o norte do país, mais predominantes ainda.

b) *nomes em relação com a vida marítima*. Quer os nomes se refiram aos barcos ou à navegação (sob qualquer aspecto), quer se refiram aos pescadores (também sob qualquer aspecto), tudo afinal se inclui na vida marítima.

c) *nomes patrióticos*. Rareantes do sul para o norte.

d) *nomes de pessoas e povoações*.

e) *nomes pinturescos*. Em regra não são de barcos que se aventurem às incertezas do mar, mas de os que só aproveitam as águas mansas. Alguns nem saíram a foz dos rios, a não ser quando o mar esteja como um lago quieto.

De nomes, que só por excepção aparecem, não cuido.

*

Na *Lusa* (vol. I, pág. 184, e II, pág. 13), publiquei vários disticos que, nos carros de cavalos — principalmente nos carros chamados «de carreira» — costumavam pintar de um e outro lado do veículo:

Vencedor limarense (¹), *Quem não entrou ficou, Triunfo da inveja, O Sol quando nasce é para todos, É entrar e pagar, Viste-lo ir, A Tentadora, Primavera, Nossa Senhora me acompanhe, Entrar e andar.*

Êstes do distrito de Viana-do-Castelo.

Agora, de Aveiro:

Vamos com Deus, De vagar se vai ao longe, Viajante por dinheiro.

Tais carros já mal aparecem. Vão desaparecendo perante a invasão das caminhetas (assim como o povo fêz de *camion*, *caminhão*, parece-me que de *camionette* se poderá fazer *caminheta*). As caminhetas, que fazem «carreiras», também apresentam letreiros, mas êstes já não têm o pinturesco dos carros de cavalos; são em geral dísticos... civilizados:

A Vencedora, A Competidora, A Triunfante de S. Martinho da Gandara, A Abençoada (Gaia), *A Fãozende* (de Fão), *A Darquense* (por ser de Darque), *Sport limarense* (de Ponte-de-Lima).

A febre desportiva, que, em Portugal como lá fora, actualmente é intensíssima, não podia deixar de reflectir-se nos letreiros. Há a caminheta *Sport limarense*, o *Restaurante Sport*, a *Padaria Sport*...

Demais, as tabuletas das lojas vão-se tornando, por igual maneira, de um modernismo desinteressante.

Só em aldeias, onde o progresso pouco entrou ainda, é que se verão, em lojas, tabuletas e letreiros exteriores, ou interiores, com dizeres curiosos. Ou então nas feiras populares, como na *Feira de Agôsto*, de Lisboa; aí colhi, em 1915, diversos letreiros bem interessantes, que já publiquei na *Lusa* (vol. IV, pág. 115).

Com o solo firme não há as apreensões que há com o mar incerto.

(¹) *Limarense* ou *pontelimense* (de Ponte-de-Lima). A êstes vocábulos me refiro na *Gente Minhota*, de Braga, vol. I, pág. 102 (n.º 7 da Revista).

Nos barcos, os nomes e dísticos são, na maior parte, religiosos.

Nos carros, são ordinariamente pinturescos — ou apregoando a excelência do veículo ou convidando o público a entrar nêle. Por isso, evidentemente, nasce a «luta da competência», salientada bem nalguns letreiros.

III. — O PROBLEMA DE JOSEFO E A ETNOGRAFIA

Há um livro curioso de G. Maupin, e cujo título é, na capa, *La Mathématique — Opinions et Curiosités — 1.^{re} Série — XVI, XVII, XVIII Siècles*, e, no rosto, *Opinions et curiosités — touchant — la mathématique — d'après — les ouvrages français des XVI^e, XVII^e et XVIII^e siècles*. Faz parte da «Bibliothèque Générale des Sciences».

O capítulo v (pág. 20) do livro é sobre: *Ruse de l'historien juif Josèphe. — Quadrature du cercle*, — transcrevendo-se o que acêrca de isso escreveu o P. Jean Leuréchon, em 1624.

A quadratura do círculo não nos interessa agora. Retranscreverei, portanto, a parte do capítulo relativa ao ardil matemático de Josefo.

Eis o texto, fielmente reproduzido, — entendendo-se que as notas são de G. Maupin (Paris 1898, pág. 20-23):

CHAPITRE V

Ruse de l'historien juif Josèphe. — Quadrature du cercle

(Le P. Jean Leuréchon, 1624).

Disposer autant d'hommes, ou d'autre chose qu'on voudra, en telle sorte que rejetant toujours d'ordre le 6, 9, 10 ou le quantiesme qu'on voudra jusques à un certain nombre, restent seulement ceus qu'ils vous plaira ⁽¹⁾.

«On propose ordinairement le cas en cette façon: 15 Chrestiens et 15 Turcs se trouvent sur mer dans un mesme

⁽¹⁾ [A nota de Maupin, que devia ir aqui, vai adeante, à parte].